

RECICLANDO HISTÓRIA, REMODELANDO METODOLOGIAS: O ENSINO DE HISTÓRIA NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA DOM MOISÉS COELHO

Jefferson Fernandes de Aquino¹

RESUMO

O estudo em questão apresenta uma análise do ensino de História a partir da troca de experiências e vivências em sala de aula, em especial no âmbito da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho, apresentando como resultado o Projeto “Reciclagem Histórica”, aplicado em turmas de 6º a 8º anos do Ensino Fundamental II. O projeto em questão trabalha os conteúdos pré-estabelecidos no currículo de História e nos livros didáticos de uma forma mais dinâmica, a fim de apurar o censo crítico do alunado e estimular a produção historiográfica. Isto acontece em dois momentos cruciais e que garantem o resultado esperado no planejamento das aulas: o primeiro momento é a exposição do conteúdo em sala de aula, a fim de que o aluno tenha a capacidade, no ato da produção, de discernir corretamente o assunto trabalhado naquela aula; o segundo momento é o da confecção de materiais pedagógicos ou produção textual, onde o discente é colocado na posição de expor a sua opinião e apresentar o que aprendeu e identificar o que ele apresenta ainda de dificuldade. Aqui, além de esclarecer as metodologias utilizadas no entorno do projeto, apresentaremos alguns resultados, a fim de provocar uma discussão no tocante ao ensino de História e as novas dificuldades apresentadas na sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História; Projeto; Metodologias de Ensino.

O ponto de partida para a elaboração de um projeto intitulado “RECICLAGEM HISTÓRICA” foi a necessidade de aproximar o alunado dos conteúdos de História, tendo em vista que, além de proporcionar um aprendizado mais dinâmico, conseguimos identificar, a medida em que o Projeto foi se desenvolvendo, algumas dificuldades e focar a atenção daqueles alunos “entediados” com a disciplina.

Por muitas vezes imaginamos uma sala de aula tipicamente tradicional, disposta em filas com diversos tipos de alunados. E ensinar para eles é o nosso maior desafio. Por muitas vezes entramos numa sala de aula já pensando em sair dela e ir para o doce recanto do nosso lar e esquecemos a interação magnífica que há entre aluno e professor.

E não estou vislumbrando nenhuma prática positiva demais e nem formando conceitos miraculosos de uma perfeição em sala de aula. Este é um espaço muito mais complexo do que podemos imaginar. Respiramos hierarquias, compartilhamos de experiências diversas e divergentes – da sala de aula para o ambiente de professores –, nos cansamos exaustivamente, sem falar na remuneração.

¹ Especialista em Geopolítica e História pelas Faculdades Integradas de Patos; Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores; Professor da EEEF. Dom Moisés Coelho, Cajazeiras-PB; e, Professor Supervisor do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo CFP/UFCG na EEEF Dom Moisés Coelho.

No entanto, o que me motivou a realizar um projeto como o “RECICLAGEM HISTÓRICA” foi o desejo de me aproximar ainda mais da realidade do alunado da EEEF Dom Moisés Coelho, em Cajazeiras-PB, e aproveitar essas experiências particulares no convívio escolar.

Assim, baseado no princípio do cientista francês do século 18, Antoine-Laurent Lavoisier, “*na natureza [...] nada se perde, tudo se transforma*”, e pautados nas correntes historiográficas que afirmam que os processos históricos são frutos das relações sociais e que tudo que está em nosso meio pode vir a ser História, foi pensado este projeto, do qual apresento, neste artigo, alguns dos resultados e metodologias trabalhadas e que pudesse elevar os alunos do Ensino Fundamental II da EEEF Dom Moisés Coelho, a um pensamento histórico, valorizando as fontes que dispõe em seu meio e delas conseguir contar uma história.

Entendemos que este princípio de Lavoisier remete-se à física e as ciências naturais, contudo, podemos exportá-lo para o conhecimento histórico ao remetê-lo ao conceito de aproveitamento das fontes, onde o historiador, em seu ofício, aproveita-se do “inútil” e transforma-o em uma peça desse grande quebra-cabeça da vida humana ao longo do tempo.

Neste sentido, reunimos conceitos de várias áreas do estudo para compor, desde o título do projeto, à sua essência.

Desse modo, o Projeto “RECICLAGEM HISTÓRICA”, objetiva fazer com que o alunado da EEEF Dom Moisés Coelho possa “aproveitar” determinados objetos a eles aparentemente tido como “descartáveis”, elencando a sua importância para uma dada época quer seja da sua vivência, ou até mesmo do convívio de sua família e, com ele, possa compreender que as transformações empreendidas pelo homem na sociedade evolui a cada instante, onde aquele determinado objeto marcou, de uma forma ou de outra, uma época específica. E com esse material, o aluno possa se aproximar da História e se entender como agente histórico.

O ensino de História, dentro do contexto das ciências sociais, contempla bem essa formação social do cidadão, a saber, o próprio currículo da disciplina, onde, o indivíduo inicia seus estudos no Ensino Infantil e Fundamental e estenda-se pelo 6º ano com conceitos básicos que a ciência fornece, tais como: o surgimento do homem e das civilizações, bem como a sua importância para o mundo contemporâneo (religião, cultura, linguagens, matemática, entre outros); nesta perspectiva, até chegar ao 9º ano, este jovem lapida o seu senso crítico, chegando ao Ensino Médio capacitado a desenvolver problemas com maior complexidade e apurar ainda mais o senso crítico.

No entanto, para chegarmos tal ponto, se faz necessário algumas reflexões, dentre elas e segundo Berutti e Marques (2009):

Não se pode, portanto, exigir que os estudantes estejam prontos para pensar historicamente e desenvolver competências e habilidades desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que a seleção dos conteúdos, as estratégias de ensino e de avaliação vão se tornando mais completas ao longo do processo de ensino-aprendizagem e não se encerram nessa etapa dos estudos. [...] Ao longo do estudo da História, a construção da ideia de contexto histórico é essencial uma vez que vai permitir aos estudantes uma compreensão mais clara do conceito de tempo histórico, [...] (p.55) .

Para isto, todas as atividades foram pensadas a fim de contemplar os conteúdos previstos na grade curricular e no livro didático e seguir uma linha cronológica de forma a auxiliar nesta compreensão. Além disso, ao despertar o conhecimento prévio do aluno podemos nos utilizar de ferramentas imprescindíveis para a condução do conteúdo.

Levar em consideração que cada aluno traz uma realidade diferente e que, vários discentes, somados numa turma constroem uma particularidade que deve ser observada pelo professor e tomada como base para a elaboração de seu plano e de sua aula.

Neste sentido, se faz necessário com que o professor utilize de ferramentas metodológicas para descobrir tais particularidades e pontuar suas ações.

Deste modo, o Projeto “RECICLAGEM HISTÓRICA” nos permitiu identificar essas individualidades expressas e típicas de uma sala de aula e sugerir atividades que auxiliassem esse alunado na compreensão do conteúdo exposto na disciplina.

Identificar tais particularidades num universo de trinta a quarenta alunos não é nada fácil e talvez por isto, pelo alto volume de indivíduos, em uma sala de aula do ensino regular, acabe passando despercebidas aos olhos do professor – natural, mas não impossível de se identificar, até mesmo porque defendo que o professor deva ser próximo dos seus alunos, mas não um “membro da família”.

O Projeto desenvolvido na EEEF Dom Moisés Coelho, nos permitiu se utilizar de metodologias que dinamizassem as aulas, tais como: debates (através de temas transversais e coligados aos conteúdos, como demonstrado na fotografia abaixo), apresentação de objetos que rememoram uma história pessoal ou coletiva que, segundo, Berutti e Marques (2009):

Uma das diferenças entre memória e História é a memória é mais próxima das emoções, dos sentimentos, enquanto que a segunda pode até se valor do emocional, mas se fundamenta na razão. [...] [As] memórias coletivas se formam da relação que

uma comunidade estabelece com seu passado. Esse tipo de memória ajuda a construir a identidade das pessoas que moram nessas localidades [...]. (p.66-67).

Além do uso da memória, quer seja coletiva ou individual, a produção de recursos didáticos a partir das explanações em sala, foram utilizadas e proporcionaram aulas mais interativas.

A utilização de temas transversais e coligados ao assunto é uma estratégia metodológica interessante, mas que merece os seus cuidados, haja vista que nela você, professor, lidará com olhares diferentes acerca de uma mesma perspectiva. É necessário que o profissional, antes de tudo, sonde a temática entre o alunado e estimule a pesquisa antes da aplicação de um debate.



FOTOGRAFIA 1 – Atividade realizada no 8ºD, uma das turmas assistidas no Projeto. A ação desta atividade consistia em discutir a política atual, fazendo com que os alunos compreendessem a importância na participação popular. Neste caso dois alunos debatiam sobre as manifestações populares ocorridas em 2013, aqui no Brasil. Assim associamos este debate ao conteúdo de Revolução Francesa. (Acervo Pessoal)

A fotografia retrata uma das aulas no 8º ano, turma “D”. O tema trabalhado era Revolução Francesa. E o debate: as manifestações de julho do ano passado. A metodologia da atividade era bem simples: solicitamos que dois alunos estudassem o tema, mesmo tendo sido utilizado por várias vezes como exemplo na sala de aula; a partir disso, os dois alunos trouxeram visões opostas do ocorrido, onde a aluna (na foto, em pé e copiando no quadro) expunha a sua pauta de reivindicações, já tendo explanado suas razões, e o outro aluno (na foto, sentado) trazia uma visão conservadora e oposta ao movimento.

O objetivo da atividade era identificar pontos estratégicos que norteiam a insatisfação popular e podem gerar os acontecimentos históricos. Assim, além de ativarmos o conhecimento prévio do alunado, pudemos interligar os conteúdos facilitando a compreensão dos mesmos.

Este tipo de debate é interessante, pois além de aguçar o senso crítico dos alunos, os envolverem nas aulas fazendo-os apontar questões do cotidiano, suas impressões sobre a atualidade e a vida política do país e, a partir disso compreender melhor o conteúdo exposto em sala, desde que o professor interligue-o diretamente. Mas como afirmei anteriormente, esta metodologia necessita de alguns cuidados, sobretudo quando se traz temáticas que envolvam sexualidade, política ou religião. Antes de tudo, o professor deve pensar e levar em consideração que há, naquela sala, várias realidades, interesses e religiões.

Segundo Shimidt e Cainelli (2009):

No tocante ao fazer histórico e ao fazer pedagógico, um dos desafios do historiador é realizar a função didática da História, adequando o conhecimento histórico aos diferentes ambientes de aprendizagem, tais como a sala de aula, o museu e o arquivo. Neste sentido, é importante diferenciar como esta adequação vem sendo pensada a partir do conceito de “transposição didática”, bem como da perspectiva orientada pela função didática da História, baseada principalmente na cognição histórica situada (p.35).

O ensino de História ainda está vinculado a leituras e discussões nada agradáveis ao aluno. Escutar professores dizerem que “aquele assunto é chato” ou “desinteressado” é bem comum. E na realidade existem assuntos mais difíceis e complexos para se abordar em História, pois ou são filosóficos demais ou políticos demais, mas não sem importância para a construção do saber histórico. E sem abordar uma metodologia mais dinâmica e atrativa ao corpo discente, certamente não conseguirá prender a atenção deles por muito tempo. Isto também dependerá de como o professor se porta em sala de aula.

Entretanto, a forma em que se é trabalhado o conteúdo está dentro da própria metodologia do professor, sem dúvidas. É comum ver que, aqueles assuntos taxados como “chatos” ou “metódicos demais” estão relacionados com o próprio domínio do professor mediante o conteúdo, ou simplesmente que não oferecem recursos metodológicos que tornem a aula mais atrativa. Desde ponto digo, sem reservas, que o professor também terá que utilizar de sua criatividade ou de amígdalas para compartilhar metodologias.

Mas voltando à dinâmica do projeto, outras atividades se desenvolveram e, em muitas delas tivemos a participação fundamental dos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), Subprojeto de História que está vinculado à UFCG, Campus de Cajazeiras.

Em um dos primeiros momentos da atuação do Programa na escola, foi-se observado do ambiente ao interesse do aluno na disciplina. Deste modo, quando interrogados “*O que você gosta de estudar em História?*”, o que percebemos foi que todos os conteúdos apresentados nas respostas estavam ligados às aulas que foram dinamizadas em sala. E isto me motivou ainda mais a prosseguir com o projeto.



FOTOGRAFIA 2 – Atividade realizada no 6ºE, uma das turmas assistidas pelo Projeto. O objetivo desta atividade era que se produzissem elementos que, auxiliassem na aula e que eles haviam compreendido do conteúdo apresentado em sala, neste caso, Egito Antigo.

Na fotografia, alunos do 6º ano, turma “E”, produziram, a partir de conhecimentos transmitidos em sala de aula, o processo de mumificação. O mais interessante que esta atividade, que serviu como revisão do conteúdo, foi de fundamental importância na avaliação aplicada aulas seguintes.

O envolvimento dos alunos é incrível neste tipo de atividade e a compreensão, pelo que percebemos é muito maior do que apenas aquela simples aula expositiva que, mesmo com a utilização de recursos midiáticos tais como filmes e data show, não proporcionam uma total compreensão dos conteúdos.

A utilização de recursos midiáticos tais como filmes e data show, são deveras interessantes, mas também deve ser usado com certa cautela. O que percebo muito é que muitos colegas se deixam levar pelo manuseio de tais recursos que não procuram inovar em sua própria metodologia ou simplesmente acreditam que aquele utensílio dará a aula por ele. Por isso a importância da teoria, pois se o professor não se compreende diante uma escolha teórico-metodológica como ele irá perceber que não basta recorrer a outros recursos, mas sim, a sua própria postura e maneira de pensar, e estar na escola.

De contrapartida, outros colegas por não dominarem recursos tecnológicos atuais como, por exemplo, o data show, simplesmente criticam quem o usam e até, de certa forma, rejeitam alguns estagiários com medo de que ele se utilize desses meios e depois seus alunos o exijam o mesmo.

O fato é que respiramos, caminhamos, ingerimos, falamos, ouvimos e manuseamos tecnologias. Em suma, vivemos num mundo tecnológico e ela está cada vez mais presente nas escolas, do diretor ao aluno. E mais do que isto, vivemos em um mundo informatizado, tecnológico que se contrapõe ao sistema educacional brasileiro que, em sua grande maioria ainda apresenta características tradicionais.

E este dado não está descrito em pesquisas oficiais ou extraoficiais, mas muito bem exposto na realidade. Um exemplo claro disso é o próprio uso de celulares na escola, que é proibido por lei – e não estou a contestando.

Mas a escola atual possui recursos tecnológicos, proíbe em partes o uso de celulares – pelo menos no que tange à pesquisas acadêmicas, por lei, ele pode ser utilizado, mas proibido, por outro lado, por motivos bem óbvios, tais como o manuseio errôneo de mídias sociais –, e é, em muitas partes, tradicional – por mais que ela se defina como moderna, mas dispõe de mecanismos ainda típicos de uma educação dos anos 1930-1980, que requer um padrão de comportamento, ajustamento das salas de aula, entre outras características – e esta perspectiva nos revela uma juventude cada vez mais crítica no tocante à direitos e perspectivas.

Neste sentido, a juventude, em todos as épocas se utilizou de avanços tecnológicos disponíveis em seu meio e de conhecimentos adquiridos por influências externas (que inclui também a escola) para se mostrar como “rebeles de uma causa adolescente”. E mais antiga é essa relação conturbada entre jovens e adultos e que se reflete dentro de uma sala de aula, pois ascendem realidades culturais e comportamentais divergentes entre essas temporalidades.

A crescente ascensão e popularização de recursos tecnológicos é um excelente resultado para a indústria e mercado, mas uma grande preocupação nas escolas, pois o este pode ser utilizado em duas maneiras: para construir saberes ou destruir conhecimentos.

No Projeto “RECICLAGEM HISTÓRICA”, oportunizamos alguns momentos em que o celular, com os seus vastos recursos foi utilizado, inclusive na produção de alguns debates e materiais didáticos.

Tenho de confessar que foi uma metodologia marcada por dois lados, um bom e outro desagradável, pois nos momentos em que disponibilizamos o uso de tal recurso, este foi utilizado na perspectiva da pesquisa, por alguns grupos – o que gerou prazer na aplicação – e outros grupos, que não se sentiram atingidos pela metodologia da aula, utilizaram para bate papo em redes sociais – o que gerou certa frustração na metodologia.

Sinceramente, nem sempre todas as suas metodologias terão o sucesso esperado e, como disse desde o início, não estou formulando conceitos miraculosos e nem vislumbrando uma sala de aula perfeita. O que objetivo demonstrar, neste artigo, é que existem metodologias que podem ser relevantes ao conhecimento e outras que simplesmente atinjam parcialmente a turma.

Assim, colocamos o nosso corpo discente não como expectadores da História, mas sim como agentes, tendo em vista que, visamos oportunizar uma prática do estudo da História. Sobre isso, Simone Selbach (2010) afirma:

O bom ensino de História não é apenas situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos, mas compreender que as histórias pessoais são partes integrantes de histórias coletivas e que conhecer modos de vida de diferentes grupos em diversos tempos e espaços, e reconhecer semelhanças e diferenças é a melhor maneira de respeitá-los. É importante que se ensine História para que os alunos possam questionar a realidade, identificamos seus problemas e descobrindo formas [...] que possam ajudar a resolvê-los (p.37-38).

A proposta do Projeto “RECICLAGEM HISTÓRICA” é, portanto, que o aluno se encaixe na História, distanciando-se daquela ideia que vislumbra o aluno como “ouvinte”, o professor como “palestrante” e a disciplina como “complicada”, “enjoativa”, assim transformando esta relação aluno-professor-disciplina em algo mais dinâmico e interativo, de modo a atrair o corpo discente para o estudo da História.

As atividades pedagógicas são estimuladas e devidamente planejadas no início do ano letivo, com participação na elaboração e sugestão de ações para o PPP.

Além de compor uma ação no Projeto Político Pedagógico da EEEF Dom Moisés Coelho, o Projeto enquadra-se dentro das Orientações Curriculares Nacionais, pois estimula o aluno a produzir e pensar, assim objetivando a formação de um ser social (cidadão) crítico, onde através disso, dispomos em nossa metodologia artifícios que nos auxiliem a ampliar o uso das tecnologias disponíveis e de temáticas que careçam de opinião. Neste sentido, o Projeto está em consonância com o Projeto Político Pedagógico da EEEF Dom Moisés Coelho, uma vez que o mesmo executa atividades que auxiliam ao alunado a compreensão acerca da História.



FOTOGRAFIA 3 – Atividade realizada no 7ºD, uma das turmas assistidas pelo Projeto. Aqui os alunos pesquisaram, sob supervisão e orientação pedagógica, imagens de quadros relacionados ao Renascimento Cultural e Científico, a fim de produzir material necessário para uma exposição de arte. Atividade que foi realizada em parceria com a disciplina de Arte.



FOTOGRAFIA 4 – Exposição de arte nas turmas 7°C e 7°D. Assunto: Renascimento Cultural. Esta atividade foi realizada em conjunto com a disciplina de Arte nas turmas supracitadas, onde o resultado foi uma exposição de arte feita pelo 7°D, da qual foi analisada pelo 7°C.



FOTOGRAFIA 5 – Exposição de arte nas turmas 7°C e 7°D. Assunto: Renascimento Cultural. Aqui, alunos do 7°D apresentam a biografia de artistas do Renascimento para alunos do 7°C. Nesta atividade também contamos com a parceria dos alunos do PIBID – Subprojeto de História.

As atividades acima identificadas foram pensadas a demonstrar uma exposição de arte. Assim, como o conteúdo trabalhado “Renascimento” é visto mais pelo seu viés cultural e

artístico, foi pensada, juntamente com a disciplina de Artes uma exposição que foi previamente organizada por uma turma e visualizada pela outra, ambas do 7º ano do Ensino Fundamental.

Nela pude constatar que, além do efeito esperado, houve um maior envolvimento por parte da turma, principalmente quanto aos questionamentos acerca das pinturas e esculturas expostas.

Assim, o projeto, ainda em curso, objetiva, sobretudo, levar ao conhecimento – não somente dentro da sala, mas para toda a comunidade escolar –, gerar uma reflexão através de atividades didáticas e multiplicadoras na sociedade, atentando para o fato de que entender o passado é compreender o presente e essencial na formação de um cidadão crítico e responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Col. Docência em Formação. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 23mai2014.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia**. Editora UNESP: São Paulo, 1997.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História & Ensino de História**. Col. História &... Reflexões. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica: 2011.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. Editora Contexto: São Paulo, 2010.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. Col. Pensamento e Ação na Sala de Aula. São Paulo: Scipione, 2009.